

O CAVALO LUSITANO - O CAVALO DE SELA MAIS ANTIGO DO MUNDO

João Costa Ferreira

Resumo:

A comunicação que apresentamos neste primeiro congresso internacional da raça Lusitana procura mostrar como a evolução do conhecimento veio dar razão ao Dr. Ruy D'Andrade quando produziu esta afirmação.

Vejamos os pressupostos que esta afirmação encerra:

A utilização continuada do cavalo Lusitano, aqui considerado como cavalo ibérico, teria de recuar aos tempos da domesticação, o que por sua vez obriga à existência à data do cavalo selvagem aqui na Península e aqui ter sido domesticado e utilizado continuamente.

Se o primeiro pressuposto não passa de uma constatação lógica já o segundo precisava de confirmação, que só veio a acontecer muito depois do Dr. Ruy D'Andrade nos ter deixado.

Os testemunhos arqueológicos são hoje evidência irrefutável da presença do cavalo, até aos dias de hoje, sem solução de continuidade desde o Paleolítico.

A comprovação da presença do cavalo na Península Ibérica no Neolítico é uma novidade relativamente recente e que põe em causa a tese perfilhada por muitos autores, para quem o cavalo tinha emigrado da Europa empurrado pelos gelos do último pico glacial (Wurm - 1000 AC) e aqui voltado já domesticado pela mão de povos invasores.

Se os dois primeiros pressupostos são hoje irrefutáveis, já o terceiro - foi o cavalo domesticado na Península Ibérica a partir do cavalo selvagem aqui existente - é de mais difícil prova. Vejamos o que temos em seu abono.

A arqueologia não nos deu provas até hoje se a domesticação aconteceu aqui na Península, mas, nem aqui nem em lado nenhum.

O que há hoje em dia e à falta de melhor, é um testemunho arqueológico, a sul da Rússia, no Cazaquistão (Sintashata), de um cavalo tumulado com o carro que puxaria, datado de 3000 AC, que se interpreta como evidência da domesticação, calculando-se que o processo teria tido início mil anos antes e naquele local.

Esta "verdade oficial" está longe de ser uma verdade inquestionável porque não se verificou até hoje, no caso do cavalo, o que nos outros grandes mamíferos dá a certeza ao arqueólogo de estar perante vestígios ósseos de animais domesticados. Esta evidência acontece quando esses ossos se diferenciam na forma, tamanho, textura, dos ossos do precursor selvagem.

Mas admitindo que assim foi, esta "versão oficial" deixa-nos muitas interrogações e a primeira questão que se levanta, é se o cavalo domesticado irradiou daquele sítio e se estendeu por toda a Eurásia, ou à semelhança do porco, do cão ou do boi, ele foi domesticado em mais de um local, distantes entre si e sem conhecimento um dos outros?

Dos pressupostos que estão na base do longo processo da domesticação, um tem particular importância, sendo condição primeira que é o interesse para a comunidade humana nessa domesticação.

Só houve interesse na domesticação quando o cavalo se tornou necessário à actividade das comunidades humanas que com ele coabitavam.

Que actividade era essa que tornava o cavalo necessário ao dia a dia desses povos? Só vejo uma, a actividade pastoril.

A guardaria do gado ainda é hoje a única das utilizações do cavalo que subsistem e que poderia ser de interesse para aquelas remotas comunidades. Talvez se pudesse acrescentar a caça ou a guerra, mas é evidente que estes usos teriam de ser subsequentes pela destreza do cavaleiro e sujeição do cavalo que obrigam. Guardar ou encaminhar rebanhos não é o mesmo que caçar ou combater a cavalo.

Outras razões poderíamos aduzir, como seja a de que não há notícia histórica do emprego de forças de cavalaria na antiguidade que não envolvam povos ligados à pastorícia.

A Península Ibérica é um dos locais onde a pastorícia se desenvolveu a par da agricultura, quando se deu a sedentarização do homem do Neolítico, havendo a destacar que a prática da transumância recua a esses tempos.

Assim e resumidamente temos que na Península Ibérica, à data presumida da domesticação (4000 AC), existiam todas as condições para aqui se dar, ou também se ter dado, a domesticação (uma comunidade humana que coabitava com um cavalo selvagem e que tinha todo o interesse na sua domesticação).

Resta a grande questão, como provar que essa domesticação se deu e se foi sobre o cavalo aqui existente.

Houve quem tirasse essa conclusão pela semelhança que encontrava nas gravuras do Paleolítico e no nosso actual cavalo, mas tal não é convincente para muitos.

A prova provada que o nosso actual cavalo descende directamente do cavalo selvagem que coabitava com as comunidades humanas da Península Ibérica à data da domesticação foi feita por outra via.

O Primeiro Congresso Internacional do Cavalo Lusitano é sem dúvida alguma o local indicado para dar notícia em primeira-mão de como a prova dessa ligação foi obtida.